Dois Sermões, duas Missas, duas Igrejas

Pierre de Craon

Lá na vila, quando eu era menino, o domingo era uma festa. O sino da "nossa igreja" - era assim que tia Ermelinda se referia à nossa paróquia - chamava o povo com seu bimbalhar alegre e sonoro. Monsenhor se orgulhava do sino, e explicava que o fizera vir lá da Itália, pagando muitos contos de réis. O sino da Igreja marcava o ritmo calmo da vida pacata e repetida de nossa vila, em que o tempo escorria suas horas lentas e compassadas.

Domingo de manhã era diferente. Até o sino repicava vibrante para a Missa das oito que, oficialmente, era a das crianças, mas à qual ia todo o povo, se amontoando nas laterais e no fundo do velho templo, enquanto os bancos da frente eram ocupados pela meninada irriquieta.

Eu subia a íngreme ladeira de pedra, passando pela barbearia, pela quitanda de seu Jorge e pelo açougue de seu Antônio, para afinal passar pela funerária, antes de chegar à praça da igreja. Barbearia, quitanda e açougue ficavam fechados aos domingos. A funerária não: todo dia podia ter freguês. Eu passava rápido por ela sem olhar os caixões roxos e pretos encostados às paredes. Cruz credo!

Na Missa das oito, nos primeiros bancos da esquerda - do lado do Evangelho - ficavam os meninos da cruzada, de camisas brancas e fitas amarelas, comandados por seu Benedito. Atrás deles ficavam os rapazes da congregação mariana, com suas fitas azuis. Do lado direito se ajoelhavam as meninas, e, atrás delas, as filhas de Maria, dirigidas por Dona Bentinha. Por fim, lá atrás se ajoelhavam as mulheres e os homens do Apostolado da Oração, de fita vermelha, e os homens da Confraria de S. Benedito e da Ordem Terceira com suas opas e escapulários.

A Missa das oito era solene, mesmo quando era comum. Monsenhor fazia questão de que a cerimônia se realizasse em clima de respeito e ordem sagrada. Ele entrava, de barrete à cabeça, precedido por uns oito coroinhas de batinas vermelhas e sobrepelizes brancas. Pareciam cardeaizinhos. Todos em ordem com turíbulo, tocheiros e Missal.

Começava a Missa com a aspersão de água benta. Monsenhor, com larga capa dourada, empunhava o hissope e ia benzendo o povo, enquanto os fiéis, atrás, cantavam o *"Asperges me",* rogando a Monsenhor e a Deus que abençoasse e purificasse.

Depois, Monsenhor, com rica e vistosa casula, começava a Missa dizendo em voz rouca o seu latim, meio italiano meio mineiro: *Introibo ad altare Dei...* Logo vinha o *Confiteor*, o povo confessando seus pecados e contritamente batendo no peito o *mea culpa*. Depois, cantava-se um hino, enquanto Monsenhor subia ao Altar para ler as misteriosas e sagradas letras do Missal.

Ao chegar ao Evangelho, o povo se punha de pé e Monsenhor subia ao púlpito para falar. Todos o olhavam, lá em cima, a dar os avisos paroquiais e depois a nos dizer palavras que vinham de tão alto que pareciam descer do céu.

O tom variava conforme o Evangelho explicado. Às vezes eram palavras de consolo. Outras, admoestando e

criticando os novos costumes que vinham da cidade grande, do que se chamava "civilização". Sempre eram palavras de esperança. Sempre palavras de sabedoria na rude linguagem de um velho vigário de uma velha igreja. Sempre comentando as mesmas parábolas de Jesus. Há séculos. Sempre fecundas.

Num certo domingo - eu me lembro - ele explicara ao povo a parábola do Reino dos Céus comparado com um homem que deu cinco talentos a um servo, dois a um outro e um talento ao terceiro.

Monsenhor mostrava que esse senhor era Deus eterno, e seus empregados éramos nós, garotos peraltas daqueles morros verdes. Alguns de nós haviam recebido de Deus mais favores, mais talentos ou mais fortuna. Todos devíamos agradecer o que Deus nos dera, sem inveja dos irmãos que haviam recebido mais, nem desprezar o próximo que havia recebido menos. De todos o Senhor cobraria os contos no dia do juízo. Não ouvíramos as letras sagradas explicar que o Senhor voltaria para cobrar os juros dos seus servos? Não ouviram que Cristo mesmo chamara de servo mau aquele que não fizera seu talento render?

Explicava-nos, então, em linguagem simples, que Deus nos fizera como os dedos da mão: todos diferentes, mas todos úteis. Imaginem vocês se Deus tivesse feito todos os nossos dedos como os polegares? Como iríamos pegar o enxadão? Como se poderia segurar o lápis se todos os dedos fossem iguais?

Assim como gostamos de todos os nossos dedos, assim Deus nos ama. Mas uns dedos são mais importantes e úteis que os outros, embora todos sejam necessários. O indicador - e ele balançava então em riste o seu, cheio de autoridade e de ameaça - o indicador é o dedo principal. Mas o dedinho também é bom. Ninguém quer cortá-lo porque ele é menos usado.

Mostrava-nos, depois, que Deus fizera tudo com desigualdade. Cada terra tinha serventia diferente. As terras úmidas de várzea eram boas para arroz, enquanto as terras de serra, sem valor para a cultura, davam pedras para fazer as casas e, às vezes, uma pepita de ouro preciosa.

Que as plantas e animais eram diferentes. Com tantas flores de variados perfumes e variadas cores, Deus enfeitara o mundo. Com tantos animais diversos, Deus tornara a vida mais fácil para o homem. Imaginem se Deus tivesse feito todos os animais como a jararaca? Ou se todos fossem porcos. Ia sobrar lingüiça, mas seria difícil fazer os porcos puxar o arado. Se todos fossem burros, o transporte estaria garantido, mas não haveria leite nem queijo.

Monsenhor então nos mostrava - a nós pequenos, que encantados com sua fala e com a solenidade da Missa ficávamos uma hora quietos - que se no mundo havia beleza é porque em tudo havia desigualdade. Ele nos interrogava: "Viram o arco- íris, outro dia sobre a serra, naquela tarde com chuva e sol? Que beleza!" Tantas cores diversas. Todas em ordem.

Uma vez, contava, as cores se rebelaram contra o vermelho. Não estavam mais contentes com o tom que Deus lhes dera e, chefiadas pelo amarelo, resolveram pedir igualdade. Quando realizaram seu desejo se misturando todas, o que aconteceu? Todas perderam a sua cor e só existiu o branco.

Repetia-nos, no seu longo sermão, o velho apólogo de Agripa. O apólogo de revolta dos órgãos do corpo contra o estômago, querendo todos igualdade com ele, exigindo que o estômago também trabalhasse, em vez de só ficar esperando comida, sentado e de boca aberta. Acabaram todos sofrendo com a fome a que reduziram o coitado do estômago. Todos definharam.

A igualdade dos órgãos impede a vida. Cada órgão tem sua função. Todos diferentes. Todos necessários. Mas nunca iguais. Assim somos nós.

Mostrou-nos enfim que, também no coral da novena, a beleza do canto vinha da diferença das notas. Pois se as notas fossem todas iguais, não haveria canto, mas só um apito. Deus nos fez como as notas. Cada um deve tocar certinho em seu lugar, para que a grande sinfonia da humanidade louve o Criador.

Copyright © 1999-2014 - Associação Cultural Montfort - http://www.montfort.org.br/

E descia então, solene e majestoso, lá do alto do púlpito, para continuar a Missa que o povo seguia reverente e cheio de piedade.

Na Consagração havia um silêncio imponente. Podia-se apalpar a majestade, quase ver o mistério.

Quando Monsenhor erguia a sagrada hóstia, ao tilintar das campainhas cristalinas, todos se inclinavam reverentes ante o Santíssimo, exclamando como o Apóstolo São Tomé: "Meu senhor e meu Deus". O mesmo, depois, ocorria quando se erguia o cálice.

Depois da Consagração, a Missa se tornava mais festiva, na expectativa da hora da comunhão, em que longas filas de crianças, seguidas pelas pessoas do povo em trajes domingueiros, se aproximavam da mesa de comunhão. Lá, Monsenhor dava a cada pobre rude homem do campo o corpo do Filho de Deus Altíssimo, a Verdade que se fez homem e habitou entre nós.

Ao final da cerimônia, a despedida era com a benção. Com voz forte e com a autoridade dada por Deus, Monsenhor abençoava o povinho que saía, depois das três Ave-Marias finais, para a praça da Matriz, de onde se via, à distância, a serra azul, sob o sol ardente de Deus.

***

Muitos anos depois, voltei à vila, após longa ausência. Tantas coisas haviam mudado. Monsenhor havia morrido. O sino já não tocava na torre da igreja. O Concílio - dizia-se - e a civilização o tinham trocado por alto-falantes que berravam para a praça da Matriz um sambinha malandro.

Fui à Missa das oito, no domingo. Na ladeira íngreme, o açougue estava aberto. Como a funerária.

Na Matriz, moçoilas de mini-saia arranjavam a mesa onde ia ser celebrada - explicava o boletim paroquial - a "Ceia". Tal qual diziam os protestantes antes do Concílio. Na dita mesa, já não havia velas, nem os barrocos candelabros dourados de Monsenhor. Havia um esquisito objeto de metal niquelado com umas lampadazinhas imitando velas. O antigo altar-mor, todo em madeira trabalhada, estava vazio. Dele haviam sido retiradas as imagens de Nossa Senhora, de São José e de Santo Antônio. Todos exilados para a sacristia, de onde eu os via espiando por uma fresta da cortina entreaberta. Na parede, atrás do altar-mor, tinham pintado um Cristo caricato, mistura de *hippie* e de Che Guevara, com ar relaxado, os dentes espaçados, à mostra, num riso debochado, e erguendo os dedos num "V" de vitória cafajeste. Das outras paredes tinham sido expulsos, a pinceladas de caiação, os anjos e santos que tinham encantado meu olhar de menino. E, contudo, a igreja me parecia maior. Mais vazia, certo, porém maior. Por que?

Perto da mesa da ‘Ceia’, alguns rapazolas e meninotas, mastigando chicletes, afinavam - afinavam? - violões e guitarras, enquanto outros instalavam a parafernália eletrônica de conjunto roqueiro. Afinal, tudo pronto.

Quando entrou o novo vigário, precedido por duas meninas de roupas decotadíssimas, os rapazelhos, mascadores de chicletes, atacaram furiosamente seus instrumentos de ruído. Arranharam, com grande raiva, as cordas de suas guitarras elétricas. Espancaram, com força, seus pandeiros. Esbordoaram, com violência, seus tambores, tonitroando um rock cacofônico, histérico e caótico.

As mocinhas de mini-saia, balançando o corpo, esganiçaram um *Aleluia* infernal.

Lá entrou o novo vigário. Era moço, usava o cabelo comprido, descendo em desalinho sobre o rosto. Dependurado embaixo do nariz tinha um surpreendente bigode caído e desanimado. Calçava tênis, e, em lugar dos antigos paramentos solenes de Monsenhor, vestia uma espécie de camisolão, sob o qual se espichavam as pontas das calças blue-jeans. Cruzada ao peito, ele exibia uma estola onde lia-se em letras tortas ‘AXE’, a saudação dos macumbeiros. Era um padre ecumênico aquele que entrava, gingando

levemente o corpo, ao som da bateria ritmada e tonitroante.

Arrumou-se. Arrumou o cálice, o véu e a patena. Arrumou - com cuidado - o microfone no centro da mesa. Sorriu, debaixo do bigode desanimado, para o seu rebanho - ou platéia? - e saudou:

" Oi, gente! Vamos celebrar comunitariamente a eucaristia do Senhor deste domingo. Todos, - vamos lá - todos juntos vamos cantar o cântico da página 47 do folheto. Vamos! A comunidade precisa participar, gente! Vamos lá. Eu entôo. Ou melhor a Angélica entoa, tá, e todo mundo segue atrás. Pronto? Um...Dois ...Três!

A Angélica - aquela mocinha espremida dentro de calças apertadíssimas - começou com vozinha fanhosa:

"Nosso Deus é contra o patrão
Jesus é contra o explorador
Jesus Cristo é nosso irmão
Ele também foi trabalhador"

Olhei em volta de mim. Na igreja quase não havia crianças. Havia velhotas que não tinham percebido as mudanças; moçoilas e rapazolas que não percebiam as diferenças. A Missa - perdão, a "Ceia" - era em português. Mas não em vernáculo. Era em gíria. Prá frente!

A Epístola foi lida por uma das mocinhas atrevidamente decotadas. Foi ela quem leu a carta do Apóstolo São Paulo aos Coríntios!!! O vigário, enquanto isso, permaneceu sentado numa cadeira posta de lado, sorrindo sob o bigode desanimado, e olhando para o seu auditório... Até que a mocinha de decote terminou de ler a carta de São Paulo! Imaginem o espanto dos Coríntios!

O padre levantou-se para ler o Evangelho. Ainda bem que não foi a Angélica a leitora, pensei eu. Quando ele ia começar o sermão, percebi que, na igreja, não havia mais púlpito. Nem confessionários. Ah! Era por isso que a igreja me parecera maior: não havia mais nem púlpito, nem confessionários! O jovem vigário mandara retirar o púlpito. Ficava alto demais para o seu nível.

O sermão começou com um... "Oi, gente!" e prosseguiu em prosa confusa a exposição de uma teologia moderninha. Caótica! Um aranzel em que se misturavam slogans marxistas, gíria de gangs roqueiras, piadas de telenovela. O pobre Demóstenes suburbano falava de tudo, dizendo nada. Sem perceber, sequer, que triste figura fazia. *Qui habitat in coelis... plorabat eum!*

Ele começou explicando a renovação conciliar arejadora do mofo que infectava a Igreja. Atacou de passagem todos os papas do passado. Elogiou João XXIII que, através do Concílio, fez vir um Novo Pentecostes para a Igreja. Tudo mudara. Havia uma NOVA IGREJA. João XXIII, Paulo VI e João Paulo II eram os Dantons, Robespierres e Marats do Povo de Deus, já que, segundo o Cardeal Suenens, o Concílio Vaticano II fora a Revolução Francesa da Igreja. Depois deles, tudo mudara. Agora, a comunidade já podia celebrar a "Ceia" na mesa, o padre virado para o povo, e não dando as costas para o povo, desprezando o povo. Porque o povo tem que ter voz para decidir, tá? Nós não estamos mais naqueles tempos de opressão em que o povo não podia falar. Agora até a Toninha pode ler a epístola de São Paulo. Acabou o salameleque, tá? (quase ele gritava "independência ou morte"). Quem reza a Missa é o povo. A Missa também é festa do povo. Acabou aquela solenidade que afastava o padre do povo. Todos somos iguais. O padre também é um homem como outro qualquer, tá? (O povo ouvia e olhava desconfiado...) O Cristo veio para pregar a igualdade. A igualdade é a justiça, tá? Onde houver qualquer desigualdade não há o espírito do Cristo (ele prosseguia, juntando um tema ao outro, sem fazer parágrafo, nem pontuação, tá?). Não só o

padre era igual ao povo, mas devia acabar a opressão do coronel e do fazendeiro. Por que uns têm um fazendão e outros nem um galpão? O povo deve ser conscientizado, tá? Cristo foi um revolucionário que queria a igualdade, e, por isso, foi morto pelos ricos e poderosos do tempo. Pelos coronéis do Império Romano lá na Palestina (lá estavam Pilatos e Caifás feitos coronéis!). É preciso derrubar as cercas que enjaulam a terra. É preciso acabar com as proibições. Antigamente tudo era pecado, né? João XXIII acabou com isso. Ele libertou o Homem. Cristo libertou o HOMEM da escravidão da Lei. Gente, é preciso ser aberto. Ainda ontem eu soube que falaram mal de mim na barbearia (êta, seu José que não se emenda!) porque eu fui ao baile de carnaval com a moçada. Que é que tem, pessoal? Eu sou jovem, tá? Fui ao baile sim, porque o carnaval é a festa do povo, como disse na TV a Dondinha. E tem mais. No sábado de aleluia vou patrocinar um grande baile no salão paroquial, preparando o povo pro ano que vem, quando teremos um sensacional "Carnaval com Cristo". E quem não gostar que se mude, tá? Eu também convido o povo (de novo sem parágrafo, engatando um assunto no outro, como um trem bagunçado, sem ordem na seqüência dos vagões) para a celebração ecumênica, quarta feira, no salão paroquial, quando nos trará a palavra do Senhor, nosso irmão em Cristo, o pastor Ezequias da Igreja do Evangelho Pentagonal. Estará também entre nós, nessa ocasião, falando-nos de sua experiência religiosa, Mãe Anastácia, do terreiro Oxum do Caboclo Harundino Apinajé. Vocês conhecem. Gente, aquela do terreiro depois da encruzilhada. Venham todos. Pois é. É preciso acabar com a idéia de que só na religião católica a gente se salva. Isso é papo furado, tá? Deixem de ser atrasados. Deus é um só. Em todas as religiões se louva a Deus. Precisamos acabar com esse passado rançoso que punha barreiras entre os irmãos, entre as igrejas, entre o rico e o pobre, e até entre o homem e a mulher! Essa igreja rançosa já era. Gente, vamos ser da igreja de nossos tempos. Vamos preparar o reino do Amor. A Civilização do Amor. O ano 2.000 tá aí. É o ano do Novo Advento, do Novo Pentecostes. Gente, vamos todos cooperar pra Civilização do Amor, lutando contra os exploradores do povo, contra essa estrutura de pecado que está aí, tá? Vamos construir a Civilização do Amor, na marra. Gente, a igreja do Povo de Deus conta com vocês, tá? Agora, todos juntos, vamos cantar "Ele é nosso amor", com aquela música do Roberto, tá? Vamos lá, gente. Pode começar, Toninha. Um... Dois... e... Três."

E lá foi a Toninha com sua voz fanhosa. E lá foi a Missa - aquela paródia sacrílega de Missa - de guitarra e pandeiro, ao som da melodia do Roberto.

Esqueci de dizer que a Angélica - aquela moçoila de injustíssima calça justíssima - monitorou a "Ceia" o tempo todo, desde o presbitério, irradiando o que acontecia lá na frente, e dando ordens ao povo: "Em pé" (sic). "De joelhos". "Em pé". Para ser programa de rádio, só faltavam os comerciais.

No ofertório, formou-se uma pequena procissão, carregando saquinhos de feijão, batatinha e roupas velhas para os pobres... do terreiro da Mãe Anastácia. Era uma contribuição ecumênica.

Após a consagração, ouvi um hino realmente profético, cantado por aquele coral esganiçado e fanhoso:

"Missa nova o povo vai cantar
Igualdade é o tema do sermão
No templo o órgão vai tocar
O hino da eterna Revolução"

Saí. Saí daquela "Missa"-algazarra. Que diria Monsenhor daquela "Missa"-comício? Que diria Monsenhor daquele sacerdote de tênis no pé, gíria grosseira na boca, sem gramática e sem respeito, com o baile no coração, a tolice e a heresia na alma?

Que diria Cristo Nosso Senhor desse novo sermão caótico e revolucionário? Que dirá Deus dessa Nova Igreja?

Para citar este texto:

Craon, Pierre de - *"**Dois Sermões, duas Missas, duas Igrejas**"*
MONTFORT Associação Cultural
http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=cronicas&artigo=doissermoes
Online, 11/05/2014 às 22:18h